

Gênero, sexualidade e esporte no cinema

Gender, sexuality and sport in cinema

ARAÚJO, A C. Gênero, sexualidade e esporte no cinema. *R. bras. Ci. e Mov* 2015;23(1):172-181

Allyson Carvalho Araújo¹

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: O esporte enquanto manifestação social tem aderido historicamente a diversas influências sociais que propõem formas de compreender o gênero e a sexualidade. Contudo, temos como hipótese que o esporte contemporâneo, largamente mediado pelas imagens, esgarça a compreensão instaurada na modernidade, ampliando tanto sua possibilidade de representação no cinema quanto as compreensões de gênero e sexualidade. Tomamos o cinema como suporte para a essa discussão por considerar sua relação histórica com o esporte, com berço na modernidade. O texto objetiva debater a representação de gênero e sexualidade vinculada ao esporte no cinema contemporâneo, tecendo considerações para compreensão do esporte moderno. Para tanto utiliza a descrição da experiência estética das imagens do esporte a partir análise das obras *Beautiful Boxer* (2003), *Million Dollar Baby* (2004), *Billy Elliot* (2000). As argumentações presentes se dão a partir da apreciação e se darão pela interpretação de imagens que interpela a significação primária ou natural (fato representado e nível expressivo) e a significação secundária ou convencional (atribuição de valor a partir de referência cultural). O texto justifica-se na medida em que contribui com os debates de gênero e sexualidade. Os resultados têm apontado representações que descentram as visões maniqueístas a respeito do gênero e sexualidade nas práticas corporais. Na leitura que se faz a partir das análises, torna-se clara a percepção de novas formas de aderir ao fenômeno esportivo pela valoração de referências sensitivas, lúdicas e de convívio partilhado da experiência corporal. Uma sensibilidade esportiva menos vinculada à lógica agonística e, por isso mesmo, mais devota à auto-gratificação e adesão aos desejos/prazeres.

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Cinema; Esporte.

ABSTRACT: The sport as a social manifestation has historically adhered to various social influences that propose ways of understanding gender and sexuality. However, It has as an hypothesis that contemporaneous sports, widely mediated by images, frays apart the comprehension established in modernity, expanding both its possibility of representation in media as understandings of gender and sexuality. To perform this discussion, cinema was taken as a support, considering its historical relationship with sports in modernity. The paper aims to discuss the representation of gender and sexuality linked to the sport in contemporary cinema, with considerations for understanding the modern sport. Uses the description of aesthetic experience of the sport images from analysis of the works *Beautiful Boxer* (2003), *Million Dollar Baby* (2004), *Billy Elliot* (2000). The arguments presented were given from the appreciation and interpretation of images that question the primary or natural meaning (represented fact and expressive level) and secondary or conventional meaning (allocation of value from a cultural reference). The text is justified insofar as it contributes to the discussions of gender and sexuality. The results have indicated that representations decenter the manichean views about gender and sexuality in bodily practices. In the reading performed from the analysis, it becomes clear the perception of new ways to join the sports phenomenon by the evaluation of sensitive and ludic references, and common life of the body experience. Sensitivity to sports less connected to agonistic logic and, because of that, less devote to self gratification and adherence to desires/pleasures.

Key Words: Gender; Sexuality; Cinema; Sports.

Recebido: 03/05/2014

Aceito: 23/03/2015

Contato: Allyson Carvalho Araújo - allyssoncarvalho@hotmail.com

Introdução

Para debater o esporte como manifestação da cultura faz-se necessário buscar uma postura que se abra ao cotidiano. Como possibilidade, é possível apostar nas representações como registros/senhas da compreensão desta expressão na cultura. Ao recorrer ao cinema, como portador dessas senhas, habita a intuição de que este formula e espelha uma compreensão construída socialmente, ou seja, os sentidos que aderem ao esporte são envoltos às conjunturas sociais que formulam tanto o discurso social possível para esse objeto/manifestação de cultura, bem como o seu regime de visibilidade.

Ancorados nesta perspectiva de pensar as demandas sociais a partir do consumo de imagens, elegemos para este espaço de debate as representações de gênero e sexualidade que dialogam com o espaço esportivo como objeto desta reflexão. Neste sentido, este trabalho objetiva refletir sobre as representações de gênero e sexualidade vinculada ao esporte no cinema contemporâneo.

A partir das ideias de Olalquiaga¹, pensamos que as experiências e sensibilidades contemporâneas são frutos de uma vivência indireta, mediada por um terceiro elemento que, em grande medida são representados por imagens que dão relevo a uma “predisposição coletiva para certas práticas culturais (p. 16)”.

O texto aproxima-se da perspectiva dos estudos culturais como moldura teórica que tem se utilizado do campo da comunicação ao se ocupar do contemporâneo, com sua latente expansão do campo midiático, para dar relevo aos debates teóricos pluricêntricos e referendados do confronto de experiências culturais, com acentuada reflexão política e estética².

Em nosso debate, estaremos considerando representação como sendo a produção do significado, do conceito, por meio da linguagem que pode ser expressa de diferentes formas, inclusive na linguagem cinematográfica. Aportados no pensamento de Hall³ pretendemos investir na abordagem construcionista de representação, em que a linguagem é tomada como um produto social onde os significados são construídos por meio dos sistemas de representação.

As argumentações se dão a partir da apreciação e seguirão a interpretação de imagens⁴ que interpela a significação primária ou natural (fato representado e nível expressivo) e a significação secundária ou convencional (atribuição de valor a partir de referência cultural).

Elegemos para o debate filmes produzidos nesta primeira década do século XXI e que são emblemáticos para pensar entrelaçamentos culturais a partir de enredos esportivos e que abrem espaços para pensar descentramento das representações de gênero e sexualidade, a saber: *Billy Elliot* (2000); *Beautiful Boxer* (2003); e *Million Dollar Baby* (2004).

As produções foram selecionadas de maneira intencional por três motivos que consideramos significantes. O primeiro diz respeito ao boxe como modalidade esportiva que é tematizada nas produções; o segundo é a recorrência da utilização desta modalidade como forma de tencionar questões de gênero e sexualidade; e o terceiro é a identificação de que todas as produções são largamente premiadas nos festivais de cinema pelo mundo, garantindo a difusão das produções e consequentemente a representatividade destas na temática em debate.

Ao trabalhar a hipótese das transformações da representação do esporte no cinema contemporâneo a emergência do debate de gênero e sexualidade ocorre por recorrência temática nesta última década, viabilizando perceber possibilidades de desencaixe entre as características do esporte moderno e a representação do esporte em um período cultural que chamaremos de pós-moderno^{5,6}.

Esta reflexão justifica-se na medida em que quer contribuir com os debates sobre os processos históricos que polarizam as visões de gênero e sexualidade a partir das representações no cinema que vem nos alertando para descentramento cada vez mais presentes em nosso cotidiano.

Esporte no cinema: espaço para se pensar o gênero e a sexualidade

Os sujeitos que descentraram da expectativa corporal e comportamental da lógica esportiva foram, por

vezes, margeadas pelo discurso de vertente moralista. Enquadram-se neste contexto múltiplas manifestações, mas emblematicamente essa repulsa (ou ofuscamento) foi direcionada aos praticantes que não afirmassem as posturas do masculino e do feminino, a imagem de homem e de mulher, respectivamente.

O termo “descentramento”, que será largamente utilizado nestas páginas, é uma utilização que remonta ao pensamento de Stuart Hall⁷ ao referir-se ao modo como o sujeito vem sendo desenhado no pensamento moderno. Nas palavras do autor, seu objetivo

[...] é traçar os estágios através dos quais uma versão particular do “sujeito humano” - com certas capacidades humanas fixas e um sentimento estável de sua própria identidade e lugar na ordem das coisas - emergiu pela primeira vez na idade moderna; como ele se tornou “centrado”, nos discursos e nas práticas que moldaram as sociedades modernas; como adquiriu uma definição mais sociológica ou interativa; e como ele está sendo “descentrado” na modernidade tardia (p. 23)”.

Para nossos interesses a lógica de descentramentos é marcada pelos registros do distanciamento dos sujeitos desviantes dessa identidade heterocentrada. Ao nosso olhar são múltiplas as afirmações de gênero e sexualidade que encontram no esporte argumentos para afirmações do binarismo entre masculinidade e feminilidade, como é possível perceber nos apontamentos de Dunning e Maguire⁸.

[...] em numerosos setores da sociedade britânica, notadamente em meios totalmente masculinos, os homens “desviantes” que por uma ou outra razão optam pela vida anti-esportista, se arriscam a ser qualificados de forma insultuosa pelos seus pares, de “afeminados” e até mesmo de “homossexuais”. A mesma tendência ocorre com a qualificação também insultuosa de “masculinas” ou “lésbicas” feita as mulheres desportistas (p. 324)”.

Contudo, os descentramentos de virilidade do masculino e da delicadeza do feminino, enquanto binarismos de gênero e da sexualidade de homens e mulheres, vem ganhando visibilidade nas últimas décadas. Os motivos que provocam essa ampliação de visibilidade dos descentramentos se inserem em um contexto que reflete os movimentos feministas e gays, de meados das décadas de 1960 e 1970 do século passado, que inclui uma postura social contemporânea tributária do realce dado às questões de alteridade com um dos elementos

constitutivos da cultura pós-moderna⁵. Segundo Connor⁶, movimentos como esses são próprios da cultura pós-moderna “devido à sua afirmação da diferença, sua recusa das metanarrativas (narrativas ‘dominantes’) (p. 186)”.

O esporte, não alheio à conjuntura social que o abarca, identifica (mesmo que com resistência) tais questionamentos e descentramentos em seu campo que possibilitam uma complexificação das posições binárias e maniqueístas em torno do gênero e sexualidade dos sujeitos/atletas. Contudo, destacamos a resistência do fenômeno esportivo a essa nova demanda por compreender que esta desestabiliza a prática esportiva, inclusive, em sua clássica forma de organização das modalidades por categoria e gênero.

É importante destacar que, nesta reflexão, o gênero é entendido como construção cultural do sexo, ou como condição social pela qual somos identificados como masculino e feminino. Portanto, como compreensão que engloba diferentes processos de produção de masculinidades e feminilidades. Por outro lado, a sexualidade é entendida como uma construção histórica e social e que, mesmo não sendo previamente dada, dialoga com as condições biológicas do sujeito. Envolve, pois, uma série de crenças, comportamentos, relações e práticas que permitem a homens e mulheres viverem, de determinados modos, seus desejos (afetivos e eróticos) e seus prazeres corporais⁹.

No cinema, os primeiros registros das insinuações de sujeitos descentrados no gênero e sexualidade datam do cinema mudo alemão, nas primeiras duas décadas do século passado. Apontam-se ainda registros de um mascaramento da homossexualidade em Hollywood a partir da década de 1930, com sugestões a partir da visibilidade maliciosa dos corpos. Na sequência da linha do tempo, o cinema europeu a partir das décadas de 1940 e 1950 deu visibilidade à cultura gay, mesmo que preservando o estigma da caricatura e decadência dos personagens gays e lésbicos¹⁰.

A partir de então, o cinema vem aumentando gradativamente sua produção que explicita a representação do homossexual. Seja oferecendo ao público mais elementos para alimentar o estigma ou

considerando a ordinariedade dos sujeitos desviantes, a representação do homossexual sempre sofreu uma repressão que clarifica essa dificuldade de expressão ao longo do século¹⁰, pois

“No cinema, como na própria sociedade, o desejo homossexual viu-se impelido a refluir para as margens e para o subterrâneo: somente no cinema marginal e no cinema *underground* a homossexualidade pôde ser expressa e celebrada sem véus nem máscaras (p. 98)”.

Das sutilezas dessas primeiras insinuações à abertura de temáticas de filmes que tomam para si a temática esportiva como pano de fundo para discutir gênero e sexualidade no esporte, foi-se quase 80 anos. Hoje “vivemos, desde os anos de 1990, o *boom* da produção com temática homossexual¹⁰ (p. 205)” e é fato que essa disseminação também abarca os filmes que utilizam o esporte em seu argumento.

Dentre as produções podemos citar: *Des épaules solides* (França/Suíça, 2002), com direção de Ursula Meier; *Me erra!* (Brasil, 2002), de Paola Barreto Leblanc; *The World at their feet* (E.U.A., 2002), de Eric Paulen; *Pioneiras* (Argentina, 2002), com direção de Patricia Vignolo; *Short, White, pleated* (U.K., 2001), de Georgina Lock; *Yellow card* (Zimbábue, 2000), sob direção de Jonh Riber; *Waterboys* (Japão, 2001), de Yaguchi shinobu; *Gaea girls* (Argentina, 2000), dirigido por Kim Longinotto e Jano William, dentre outros.

Todos os filmes dessa lista, que certamente é incompleta e arbitrária dada a enorme dificuldade em mapear de forma fiel a produção cinematográfica mundial que faz referência ao tema, têm em comum a ocupação de um espaço marginal na produção cinematográfica de seus respectivos países, sendo consumidos por nichos muito específicos, com distribuições iniciais restritas a festivais de cinema que tematizaram o esporte e as questões de gênero e sexualidade.

Produções como as citadas e muitas outras que, direta ou indiretamente, tematizam às questões de gênero e sexualidade dentro do esporte são indicadores de uma conjuntura social que propõem novos arranjos do desenvolvimento e da prática esportiva.

Este movimento pode ser observado como cada vez mais emergente, dado que o cinema contemporâneo

tem se voltado para a documentação do pequeno, do marginal, do periférico, mesmo que para isso se utilizem de técnicas e formas de expressão (às vezes até equipe de produção) de origem central, metropolitana e hegemônica¹¹.

De fato, nesse momento em que as questões de gênero e sexualidade estão cada vez mais latentes no cinema, podemos considerá-las como reflexo desse posicionamento político propício para gerar maior visibilidade ao marginal, apontando para diversos cenários e intenções.

O cinema nos chama para pensar novas formas de expressões do corpo no esporte

Partir de um passado recente, emoldurado por filmes como os constituintes da série que narra a saga do boxeador Rocky Balboa protagonizado por Sylvester Stallone (*Rocky*, 1976; *Rocky II*, 1979; *Rocky III*, 1982; *Rocky IV*, 1985; *Rocky V*, 1990 e; *Rocky VI*, 2006), já nos é bastante ilustrativo para pensarmos o discurso machista e heterocentrado dos esportes, ao observamos as questões de gênero e sexualidade.

A narrativa do Rocky Balboa reafirma o protótipo do homem rude, forte e viril vinculado ao esportista exemplar. Em toda a série não se encontram espaços para o questionamento da figura máscula e campeã do protagonista, já a figura do feminino tem representatividade nas produções, mas no espaço da esposa paciente, frágil e aflita que admira e apoia o boxeador. Tal como na história do esporte, que sinaliza diversos espaços de resistência à entrada da mulher no âmbito competitivo, a série *Rocky* também se centraliza no homem, masculino, e faz margear a figura da mulher e sua representação feminina.

Os pares binários do homem-masculino e mulher-feminina se fazem presentes tanto na história do esporte quanto no regime de visibilidade dessa prática no cinema, perfazendo uma recorrência da representação de gênero relacionado ao esporte. No caso da série *Rocky*, essa recorrência se consolidou e fortaleceu o imaginário social do esporte relacionado à virilidade, já que a série faz parte do *mainstream* hollywoodiano.

Ao considerar essas e outras produções que tematizam especificamente o boxe, Vaz e Melo¹² explicitam uma constatação que nos parece deveras pertinente (se não óbvia), ao indicar que “uma das dimensões mais explícitas das contribuições dos filmes de boxe para a construção da masculinidade se encontra nas suas imagens de violência, determinação, força física e poder” (p. 156). Contudo, na produção cinematográfica mais recente (desde a primeira década do século XXI) é possível perceber representações de gênero e sexualidade díspares, se pensarmos comparativamente com relação à longa tradição dos filmes de boxe.

Tomemos como exemplo três produções do nosso século que tematizam um mesmo esporte. Na nossa análise, os filmes *Menina de ouro* (Estados Unidos, 2004), com direção de Clint Eastwood; *Billy Elliot* (Inglaterra, 2000) sob a direção de Stephen Daldry; e *Beautiful Boxer* (Tailândia, 2003) sob a direção de Ekachai Uekrongtham, efetivamente, descentralizam o protótipo rude e viril do boxe, normalmente associado à masculinidade e ao vigor da força corporal. De formas distintas cada produção produz um debate intrigante sobre a relação entre a delicadeza e a robustez, sem deslocar a busca pela vitória própria do esporte.

A obra *Menina de Ouro* problematiza o descrédito da figura feminina em atividade de vigor corporal, tal como o boxe e, sobretudo, sua aptidão para o treinamento. As cenas de recorrência no exercício da protagonista, sob vigília dos personagens masculinos, além da recorrência de insultos, segregações e submissões por parte da protagonista são emblemáticas para mapear a lógica sexista do esporte e, mais especificamente, do boxe.

Esses posicionamentos de resistência da mulher nos espaços esportivos são amplamente assinalados na sociologia do esporte. Dunning e Maguire⁸, em seus apontamentos sobre as relações entre os sexos no esporte, sinalizam que

[...]desde o início, as mulheres tiveram de lutar com firmeza para tomar pé no mundo do esporte e assim mesmo seu *status*, embora não gravemente ameaçado, continua marginal, como o mostra a hierarquia prestigiosa dos esportes ainda dominados pelos homens (p. 340)”.
As barreiras para afirmação do feminino no

cenário esportivo também foram e são - a exemplo do filme em questão - representadas pelo cinema que, “transformou-se numa instância formativa poderosa, na qual representações de gêneros, sexuais, étnicas e de classe eram (e são) reiteradas, legitimadas ou marginalizadas¹³ (p. 424)”.

Em *Menina de Ouro*, narra-se o encontro de Maggie, uma mulher que busca na prática do boxe um sentido para sua vida sem projeções, e Frankie Dunn, um duro treinador, claramente sexista que, categoricamente, afirma não treinar mulheres. Dentre os entraves para o estabelecimento da relação entre os personagens, destacam-se dois: a posição da mulher em um espaço majoritariamente masculino e a idade da personagem que já ultrapassava os 30 anos.

A determinação de Maggie possibilitou o acesso nesse espaço “para homens”, primeiramente, com reservas de muitos, e posteriormente com a crescente admiração de todos por sua “fibra” que remetia à perseverança similar requerida dos homens. A obstinação da protagonista a aproximar-se de Frankie Dunn, tendo o esporte como elo. Nesse cenário, a construção da mulher, antes fragilizada, que se transmuta em uma promissora boxeadora, ajuda a pensar as questões de gênero no esporte, já que nos filmes esportivos “a questão da virilidade associada às lutas fica clara¹² (p. 155)”.

O enredo entremeia convencimentos sobre a capacidade da atleta, o preconceito presente no universo do boxe para com as mulheres, desencadeando uma moderada hostilidade masculina para o que se compreende como sexo inferior.

É perceptível no enquadramento das imagens a vigilância desconfiada do técnico, Frankie Dunn, para com sua atleta pupila, Maggie Fitzgerald. O que modifica ao longo do filme é centralidade dos papéis que nessas imagens é expressa por um jogo de luz e sombra que identifica uma relação distante e pouco confiante inicialmente, mas que se transforma em uma relação de confiança posteriormente.

A gradação dessa confiança crescente se afirma no enredo do filme, bem com nas opções de enquadramento das cenas. Em outros momentos, percebemos o espaço de

confronto esportivo não mais com a tutela do treinador. Cenas enquadram lutadoras e o público. O filme também localiza geograficamente o espectador no centro das lutas de boxe nos EUA, Las Vegas.

A significação dos treinos e competições como um espaço próprio para homens é reforçada pelo filme ao explicitar a resistência de Frankie em acolher Maggie como sua primeira atleta. Os espaços esportivos, academia de treinos, ringues de luta são permeados agora por mulheres em contato direto com outros lutadores. Essa representação desloca a constituição tradicional da imagem da masculinidade relacionada ao boxe. Segundo Melo e Vaz¹²,

“A tradicional constituição da imagem de masculinidade é plenamente identificada nas películas que têm o boxe como argumento desencadeador da trama: os pugilistas não são femininos, homossexuais, dóceis; seus gestos são típicos dos machos (um tanto grosseiros), e fundamentalmente são seres ativos (p. 156-157)”.

Segundo a produção de *Menina de Ouro*, ao feminino é permitido acessar o ringe do boxe e outros espaços esportivos. A partir da apreciação dessa produção, percebemos que o argumento central do filme nos leva a pensar as transformações da percepção do esporte no contemporâneo no que se refere às categorias de gênero.

De certo, em muitos contextos da produção cinematográfica, as expressões de feminilidade e masculinidade já foram exploradas. Em *Billy Elliot*, esse debate apropria-se de um impasse moral de um garoto, filho de operários e com criação marcadamente patriarcal, seduzido por atividades corporais que, tradicionalmente, são reconhecidas como graciosas e delicadas. O balé, enquanto prática corporal vivenciada habitualmente às mulheres, substitui a preferência de vivência corporal do protagonista em detrimento a atividades vigorosas e másculas, como o boxe.

O filme narra a história de um jovem garoto inglês, filho de imigrantes irlandeses, que tem incentivo da família para a prática do boxe, mas vê-se cada vez mais persuadido afetivamente ao balé clássico. O dilema entre as práticas ditas masculinas ou femininas ocorrem-se em paralelo ao movimento organizado pela classe mineradora inglesa em oposição à política do governo da Primeira-Ministra Margaret Thatcher.

A representação do boxe como ícone dentre as práticas esportivas para a formação moral e corporal do sujeito do período resgatado ganha relevo na educação dos meninos. Diametralmente, às meninas era ofertada a prática resguardada e graciosamente encontrada no balé clássico, modelo de formação cabível para a representação de mulher que se aplica também às práticas corporais. Entre a luva do boxe e a sapatilha do balé, o filme apresenta-se tensionando as práticas que afirmam, questionam ou até mesmo negam a formação dos gêneros culturalmente aceitos.

As tensões entre o masculino e feminino estão difratadas em todo o filme e não somente com o protagonista. O que há de interessante nesta tensão entre prática corporal e os signos de marcação de gênero e sexualidade que *Billy Elliot* se ocupa em trabalhar é a visão não sexista das práticas corporais, pois a ligação entre boxe e masculinidade ou balé e feminilidade é desafiada por outras possibilidades de combinações entre esses elementos.

O embaralhamento das construções culturais de gênero ocorre no encontro da fascinação pelo balé advindo de uma figura masculina do Billy, personagem principal da trama. Os questionamentos acerca dos valores morais afetam o dilema pela adesão ou resistência à prática de balé por um homem. Neste enredo é descortinada uma referência contrária à compreensão monolítica sobre o gênero e a sexualidade que adere ao esporte.

As imagens do filme apontam para esse impasse. Em certa cena do filme, as imagens retratam um garoto com indumentária masculina e apropriada para o boxe, cercado por meninas adornadas por vestimentas clássicas do balé. Os movimentos são delicados, mas imprecisos, mesmo remetendo ao esforço. Também existem cenas em que pode-se observar o garoto paramentado para sua aula de boxe, mas com o olhar atento aos delicados movimentos das meninas do balé. As cenas sugerem o inebriamento do garoto em sentir-se atraído pelo que não fazia parte de sua formação, muito menos dos valores sociais que regiam aquele momento histórico.

Contudo, não só os debates de gênero se fazem

presentes. No princípio do século XXI, inicia-se uma nova safra de produções que apostam em uma narrativa que tensiona as lógicas binárias entre o masculino e feminino, indagando sobre uma terceira via nas questões da expressão da sexualidade aplicada ao mundo dos esportes, como possibilidade de quebrar com as barreiras de segregação entre modalidades culturalmente creditadas ao masculino e modalidades culturalmente creditadas ao feminino.

Beautiful boxer promove essa reflexão ao dar visibilidade à biografia de um dos principais campeões de boxe tailandês, Parinya Charoenphol. O filme mostra a história de um sujeito que confunde a identidade máscula do homem bruto com um transexual vitorioso, na película, denominado de Nong Toon. O filme se estrutura a partir do relato de Nong Toon para um repórter americano.

No relato do protagonista, vários períodos de sua vida tornam-se momentos de tentativa de reversão de uma sexualidade desviante latente em uma criança. A partir de um furtivo encontro com boxe tailandês para defender sua amiga, Nong Toon ganha notoriedade entre as lutas locais e, posteriormente, representando um dos campos de treinamento de sua província. Entre golpes e dores, vitórias nos ringues e maquiagens, Nong Toon vai progressivamente assumindo uma identidade distinta do socialmente esperado para esse esporte. Não andrógono, por ser assertivo na sua condição corporal de homem, mesmo que associando elementos de ordem feminina, Nong Toon propõe uma identidade de gênero que se constrói em sua trajetória e não sucumbe aos preceitos de virilidade e robustez que a modalidade do boxe propõe.

Ao mixar elementos do feminino dentro da dinâmica obviamente masculinizada e violenta do boxe tailandês, a representação do atleta (baseada em fatos reais) trás para o esporte a visualização de pluralismos nas questões de gênero e sexualidade. E, nesse sentido, percebemos que “como acontece com o pensamento pós-moderno, o pluralismo encontra-se aqui estranhamente cruzado com a auto-identidade. Em vez de dissolver identidades distintas, ele as multiplica¹⁴ (p. 28)”.

A multiplicação de identidades em um único personagem é percebida durante toda a produção.

Beautiful Boxer permite esse movimento dúbio da identidade sexual que transita entre o masculino e o feminino. Uma cena marcante para ilustrar tal movimento é o momento em que Nong Toon, já um atleta em ascensão em sua província e reconhecido por suas apresentações que mesclam os adornos e maquiagem com os fortes golpes que tanto comoviam os espectadores das lutas, se questiona sobre sua posição no ringue.

As imagens mostram um atleta que, mesmo maquiado e portando adornos nos braços pouco comuns aos demais lutadores, se afirmava como um vencedor com o vigor e a firmeza que o boxe tailandês pede. O texto fílmico alterna cenas de Nong Toon, ora vestido com trajes femininos ora de lutador, em uma sequência coreográfica que destoa do espaço de luta. O ringue serve de palco para Nong Toon reviver a nostálgica lembrança de sua infância, embebidas de elementos femininos.

Ao pensar o universo esportivo como território prioritariamente pensado para o homem⁸, observamos os treinamentos e conflitos corporais presentes no filme como elementos de afirmação da masculinidade na formação dos sujeitos. Assim, as práticas esportivas apresentam-se como demarcadoras do protótipo de masculinidade, mesmo que nessa produção sirva de contraponto da afirmação da feminilidade de Nong Toon.

As imagens da produção mostram-nos avessos das representações de gênero na representação clássica do esporte. Sequências de cenas longas de treinamentos com gestos bruscos e violentos são intercaladas com cenas em plano americano e em primeiro plano com traços doces de uma face maquiada. Nas imagens, se enfatizam a polaridade entre a virilidade masculina e delicadeza feminina, curiosamente representada por um único personagem. Ocorre em *Beautiful Boxer* o que Stam¹⁵ aponta como sendo desestabilização do binarismo biológico-sexual. Nas palavras do autor, “no cinema, a co-presença de partes do corpo e elementos aparentemente exclusivos (mulheres de bigodes, homens travestidos) sabotava a compreensão convencional... A *performance* sexual desfazia, por assim dizer, a rigidez da identidade sexual (p.292)”.

Na produção tailandesa são disponibilizados

elementos que confundem a configuração sexista original do esporte (maquiagem, competição entre sexos distintos, excitação à espetacularização do feminino em competições masculina). Esses elementos representam um deslocamento, sobretudo, no âmbito político, da compreensão esportiva. Pensar na representação da identidade do Nong Toon é, em alguma medida, pensar na impossibilidade de uma identidade fixa ou permanente.

A instabilidade que a película propõe, tendo o esporte como pano de fundo, corrobora com o pensamento de Hall⁷, ao pensar construção da identidade na pós-modernidade como sendo uma celebração do móvel. Nas palavras desse autor “o sujeito assume identidades distintas em diferentes momentos que não são unificadas ao redor de um eu coerente (p. 13)”.

A celebração do móvel, no que tange ao personagem pode ser apreciada para além do desenvolvimento do argumento do filme, em cenas específicas que deflagram a transformação visual do homem em mulher, sem abandonar os elementos próprios do boxe tailandês. É, portanto, no texto e no contexto fílmico que se colocam em cheque a construção machista e heterocentrada que foi instituída no esporte e, conseqüentemente, em sua representação fílmica.

Considerações Finais

Nossas reflexões ocorrem em meio a três produções aclamadas e resultantes de processos de criação distintos, em realidades singulares e em culturas que, mesmo dialogando sobre uma compreensão de esporte e seus valores, reservam-se o direito de pensar esse objeto de forma isolada. Apesar da recorrência dicotômica entre masculino e feminino, presente nas produções analisadas, buscamos apontar que o cinema contemporâneo tem apresentado – acreditamos que em consonância com o que vem acontecendo no âmbito da sociedade – algumas fissuras nas representações de masculino e de feminino no que tange às práticas esportivas vistas como “para homens” e “para mulheres”.

Não por acaso, as representações dos três longas-

metragens apresentados procedem de forma questionadora à temática da força viril agressiva que foi forjada para o boxe no seio da modernidade e que ainda têm repercussões na atualidade¹⁶, já que acreditamos que

“[...]as práticas esportivizadas dos sujeitos *queer* podem ser tomadas como produtos de uma condição pós-moderna, uma vez que evocam um estado indefinido de questões e problemáticas, os quais não encontram respostas no atual sistema esportivo padronizado pelas lógicas heteronormativas¹⁷ (p. 285)”.

O que percebemos na análise dos três filmes acima citados é o deslocamento dessas afirmações, apontando para o descentramento dos valores morais relacionados à virilidade esportiva como uma nova estética esportiva que se coloca como política. A identidade da instituição esportiva, geralmente vinculada à virilidade e acoplada a uma ideia de vigor, também dialoga atualmente com sujeitos margeados pelo virtuosismo atlético, que vêm permeando em grande medida a multiplicidade de significações dos esportes presentes no nosso contemporâneo. O descentramento do esporte nessas produções refere-se ao questionamento de algumas características do esporte moderno. Quanto à igualdade de oportunidades e de condições do confronto ou “comparação objetiva” (unicamente vinculada aos aspectos biológicos) - característica muito cara ao esporte moderno - observa-se uma relativização em todos os filmes citados.

Essas obras nos fazem pensar que a instituição esportiva segrega os sujeitos que desestabilizam o princípio da “comparação objetiva” ao definir suas categorias (masculino e feminino). Contudo, os filmes também mostram que o esporte se permite gradativamente seduzir e aceitar o lutador travesti lutando com homens e mulheres, a lutadora mulher tendo destaque dentro de um espaço majoritariamente masculino, o bailarino homem homossexual e vanguardista em seus gostos e propensões.

Melo e Knijnik (2009), ao analisar algumas produções cinematográficas recentes brasileiras, anunciam essa abertura ao novo. Nas palavras desses autores,

a sexualidade livre é uma das facetas desses novos tempos: as condutas corporais no Brasil, tanto no

que se refere às práticas esportivas quanto às sexuais, estão passando por uma intensa mudança, influenciadas pelas grandes alterações nas relações sociais de gênero vivenciadas na sociedade brasileira. Esse processo não atinge só às mulheres; os homens reconfiguram suas performances, sua estrutura de sentimentos, suas condutas, seu modo de se relacionar socialmente, entre si, com as mulheres, com o trabalho, com o corpo, com o esporte, enfim, com a vida e o mundo: novas ideias de masculinidade estão surgindo no horizonte da sociedade brasileira (MELO; KNIJNIK, 2009, p. 190).

Essas constatações indicam que a instituição esportiva, bem como a compreensão do fenômeno esportivo, é dialogada com valores sociais mais amplos que se interconectam com questões políticas, raciais, de gênero, credo, dentre outras. Essa compreensão, como já exposto anteriormente, dialoga com a compreensão de uma política cultural pós-moderna.

Em última instância, o debate destes descentramento de virilidade na representação do esporte no cinema contemporâneo, pela porosidade entre estes elementos, nos aponta as diversas possibilidades de se perspectivar a ideia de que vivemos atualmente com uma manifestação esportiva difratada no pós-moderno onde os debates sobre gênero e sexualidade são frutíferos e já nos falam das fraturas na compreensão moderna de esporte.

Por fim, faz-se necessário pontuar que as questões que apresentam-se nesta reflexão são recortes possíveis dentro da diversidade de leituras sobre a representação de gênero e sexualidade vinculada ao esporte no cinema contemporâneo. Portanto, as argumentações passam necessariamente pelo que se mostra na amostra de filmes abordada, mas é tributária, sobretudo, às opções teórico-epistêmicas ao qual se filia, com destaque para clara inclinação para a tradição das ciências humanas e sociais, sobretudo na perspectiva pós-estruturalista.

Referências

1. Olalquiaga C. **Megalópolis**: sensibilidades culturais contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel; 1998.
2. Prysthon AF. Estudos Culturais: uma (in)disciplina? **Comunicação e Espaço Público**. 2003; vi (1-2): 134-141.
3. Hall S. The work of representation. In: Hall S, organizador. **Representation**: Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University; 1997.
4. Aumont J. **A imagem**. Campinas: Papirus; 1993.
5. Huyssen A. **Mapeando o Pós-Moderno**. In: Hollanda HB, organizador. Pós-Modernismo e Política. Rio de Janeiro: Rocco; 1992.
6. Connor S. **Cultura pós-moderna**: introdução às teorias do contemporâneo. São Paulo: Ed. Loyola; 2004.
7. Hall, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP & A; 2005.
8. Dunning E, Maguire J. As relações entre os sexos no esporte. **Estudos Feministas**. 1997; 5 (2): 321-348.
9. Louro GL. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes; 1999.
10. Nazario L. **O outro cinema**. Aletria. 2007; 16 (2): 94-109.
11. Prysthon AF. Previsivelmente pós-moderno. Intercom – **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. 2007; 30 (1): 2007.
12. Melo VA, Vaz AF. Cinema, corpo, boxe: suas relações e a construção da masculinidade. **ArtCultura**. 2006; 8 (12): 139-160.
13. Louro GL. **O cinema como pedagogia**. In: Lopes EMT, Faria Filho LM, Veiga CG, organizadores. 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica; 2000.
14. Eagleton T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp; 2005.
15. Stam R. **Introdução à teoria do cinema**. Campinas: Papirus; 2006.
16. Gumbrecht HU. **Elogio da beleza atlética**. São Paulo: Companhia das Letras; 2007.
17. Camargo WX, Rial CSM. **Etnografia em competições mundiais esportivas gays no contexto pós-moderno**. In: Anais do I Seminário Nacional Sociologia e Política. 2009: 78-97.
18. Melo VA, Knijnik, JD. **Futebol, cinema e masculinidade**: uma análise de Asa Branca, um Sonho Brasileiro (1981) e Onda Nova (1983). *Revista Portuguesa de Ciência do Desporto*. 2009; 9 (2-3): 183-191.